

Juro em queda acelera expansão

Fernanda Rocha

A redução na taxa básica de juros iniciada em setembro do ano passado permitiu a aceleração da economia no primeiro trimestre do ano. A expansão do Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas do país) no período foi de 1,4% ante o quarto trimestre do ano passado – quando a alta foi de 0,8% na mesma comparação – de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O desempenho é o melhor desde o terceiro trimestre de 2004, quando o PIB cresceu 1,5%.

Em relação ao primeiro trimestre do ano passado, o crescimento foi de 3,4%. Segundo Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, o bom desempenho foi puxado, principalmente, pela alta de 3,7% nos investimentos em capacidade de produção e construção civil – estimulado pela queda na taxa básica de juros, iniciada em setembro do ano passado, quando estava em 19,75%. É a maior taxa de investimento desde o quarto trimestre de 2004, quando atingiu 9,3%.

– Tivemos um conjunto de fatores favoráveis para essa expansão, entre eles, a queda da taxa de juros, o aumento do crédito para a área de habitação, o programa de recuperação de estradas do governo, além da produção e

importação de máquinas e equipamentos – explica a gerente do IBGE.

Nos setores produtivos, a indústria puxou a expansão, com avanço de 1,7% no trimestre. Nessa mesma comparação, a agropecuária avançou 1,1% e o segmento de serviços, 0,8%.

– Na indústria, o destaque foi para a extrativa mineral com crescimento de 12,6%, beneficiado pelo aumento de 12,7% na produção de petróleo e gás e de 16,8% da produção de minério de ferro.

Quanto ao setor externo, Rebeca destacou que a taxa de crescimento das importações (11,6%) superou a das exportações (3,9%) ante o último trimestre do ano passado.

– Apesar do aumento das exportações, cresceram menos do que as importações – diz Rebeca. – Com isso, a evolução de 3,4% neste primeiro trimestre contra igual período do ano passado foi totalmente baseado na demanda interna, principalmente, nos investimentos e na continuação do crescimento do consumo das famílias.

O consumo das famílias perdeu fôlego e avançou apenas 0,5%. Já o consumo do governo cresceu 1%.

